



Você está aqui: [Página Inicial](#) / [Economia](#) / Selic cai, mas corte nos juros não chega ao bolso dos clientes

## Economia

Política Monetária

# Selic cai, mas corte nos juros não chega ao bolso dos clientes

por Dimalco Nunes — publicado 07/02/2018 19h34, última modificação 07/02/2018 19h34

*Apenas agora, com a Selic abaixo dos 7%, spread bancário caiu para o nível de quando os juros básicos eram 14,25%. E lucro dos bancos segue recorde*



Divulgação

Os três maiores bancos privados do país lucraram quase 54 bilhões de reais em 2017

O Banco Central reduziu, pela 11ª vez consecutiva, a taxa básica de juros, agora em 6,75% ao ano. Apesar de a Selic já ter alcançado em dezembro do ano passado o menor patamar desde 1986, o spread bancário - que é a diferença entre o preço que o banco paga pelo dinheiro e o que ele cobra dos seus clientes - segue elevado. Enquanto a Selic caiu para menos da metade, o spread alcançou apenas em dezembro os 32 pontos, mesmo patamar de dois anos antes, quando a Selic ainda estava em 14,25%.

Consequência direta desse descasamento entre o comportamento da taxa básica de juros e do spread é que os **cortes da Selic não chegam ao bolso** de quem toma dinheiro emprestado no sistema bancário ou faz compras a prazo. Pelo contrário: os **maiores bancos do país** é que seguem acumulando lucros recordes.

**Leia também:**

[Selic cai, mas juros reais seguem altos no Brasil](#)

[A taxa básica real de juros caiu no governo Temer?](#)

Para o professor de Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Cesar Caselani, a baixa concentração do sistema bancário brasileiro, aliado a um risco alto de crédito, levam a esse cenário de spread alto. Levantamento do Banco Mundial apontou que em 2016 o spread bancário brasileiro, à época na casa dos 40 pontos, era o segundo mais alto do mundo, atrás apenas do de Madagascar.

"O Brasil está sempre entre os três spreads mais altos do mundo, e mesmo quando olhamos para outros países da América Latina, que têm risco semelhante, os valores são muito maiores", afirma o professor. Ele lembra que o mesmo levantamento do Banco Mundial mostra que o spread médio na América Latina era de 7,5 pontos em 2016, mais de 30 pontos acima do brasileiro.

A conta, então, fica para a falta de competição entre os bancos. Segundo o professor de economia do Ibmec-SP João Ricardo Costa, é a alta concentração do sistema bancário no Brasil que explica boa parte da demora para que os cortes da Selic cheguem aos juros praticados no mercado. "A competição é muito baixa e as instituições não repassam para os clientes os cortes da Selic", afirma.

O Brasil tem cerca de 150 bancos autorizados a funcionar, mas dados do Banco Central mostram que apenas os quatro maiores – Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal e Itaú – detêm 73% do total de ativos do sistema e 80% do crédito concedido no País. Excluídos Banco do Brasil e Caixa Econômica, bancos públicos, o Santander entra no ranking.

No ano passado, o Itaú lucrou 24,9 bilhões de reais, o Bradesco 19,1 bilhões e o Santander 9,9 bilhões, crescimentos de 12,3%, 11,1% e 35,6%, respectivamente. "Os números destoam, com bancos indo muito bem quando todo mundo vai mal", afirma Costa. "Para de fato os juros caírem é preciso mexer na competição", reforça Costa.

### Descompasso

Após atingir níveis historicamente baixos em meados de 2012 – 7,25% ao ano – a taxa Selic iniciou sua escalada, com um Banco Central mirando o controle da inflação. De aumento em aumento, chegou em 14,25% em julho de 2015, o maior nível desde agosto de 2006.

Depois de pouco mais de um ano, com a inflação sob controle e uma economia em recessão, um novo ciclo de cortes começou, com reduções sucessivas que levaram a Selic aos atuais 6,75%.

A trajetória do spread bancário, no entanto, segue desalinhada do comportamento das taxas de juros. Há um ano, quando a Selic já estava em 12,25%, dois pontos abaixo do recorde anterior, era o spread quem batia recorde, aos 42,7 pontos.

Foi a partir de então, mais de seis meses após o início da queda da Selic, que o spread começou a cair. Em dezembro de 2017, alcançou o patamar de dezembro de 2015, a casa dos 32 pontos. Naquele momento, a taxa Selic já havia caído à metade. Em dezembro de 2015 a Selic estava ainda estava em 14,25% ao ano.

No período pré-crise, o Brasil teve a combinação de um spread bem mais baixo com a Selic perto de 7% ao ano. Isso ocorreu em julho de 2013, quando a diferença entre o que se paga e recebe em juros no Brasil estava em 20 pontos, 12 pontos abaixo do patamar atual.

No bolso do consumidor a conta segue alta. Os juros praticados pela economia caíram, mas de forma bem mais modesta do que a Selic. De acordo com os dados da Nota de Política Monetária à imprensa e Operações de Crédito, divulgada no último dia 29 pelo Banco Central, o juros cobrados no cheque especial, por exemplo, estavam em 323% ao ano em dezembro e sofreram uma queda praticamente irrisória em um ano: eram 328% ao ano em dezembro de 2016. No cartão de crédito era 334% ao ano em dezembro.

Após o novo corte da Selic, o empresariado reforçou que o que importa agora é que a redução da taxa básica chegue no tomador de crédito. Segundo nota da Fiesp, as altas taxas para o tomador final tiram poder de compra das famílias, inibem o investimento e a geração de emprego por parte das empresas e dificultam a retomada do crescimento. "O Banco Central precisa deixar de só fazer ameaças ao sistema bancário. Tem que tomar ações incisivas para reduzir a taxa de juros ao tomador final."

A partir de agora a expectativa é de que o ciclo de cortes da Selic se encerre. Os especialistas consultados na pesquisa Focus do Banco Central desta semana esperam que os juros básicos fiquem em 6,75% ao ano até o fim de 2018. O próprio BC sinalizou isso no anúncio do corte desta quarta-feira: "para a próxima reunião, caso o cenário básico evolua conforme esperado, o Comitê vê, neste momento, como mais adequada a interrupção do processo de flexibilização monetária", diz o comunicado. A próxima reunião do Copom será em 21 de março.

### Cupons e Ofertas

[Economize e fique na moda com a C&A](#)

[Descontos em artigos esportivos na Centauro](#)

[Livros e Eletrônicos em promoção na Saraiva](#)

[Decoração com descontos na Mobly](#)

[Maquiagem com descontos no Boticário](#)

[Economize em perfumes e maquiagem com a Sephora](#)

[Roupas e acessórios em promoção na Zattini](#)

registrado em: [Copom](#) [Spread](#) [Juros](#) [Banco Central](#) [Sistema Financeiro](#) [Bancos](#)

publicidade

**CartaCapital**

**Editoria Confiança**  
CartaCapital  
As Empresas Mais Admiradas no Brasil  
Diálogos Capitais  
Carta Educação  
Cupons de Desconto  
Expediente  
Fale com a Redação  
Política de Privacidade e Cookies  
Termos de uso

**Assinatura**  
Assine  
Projeto Sócio CartaCapital  
Central de Atendimento  
**Anuncie**  
Equipe Comercial  
Mídia Kit

Últimas
<b>Carlos Eduardo Pereira: "Tudo conta num romance, nada é por acaso"</b> 08/12/2018
<b>Quem é quem na cúpula direita das Américas</b> 08/12/2018
<b>Bolsonaristas promovem cruzada contra sucessor de Dorothy Stang</b> 07/12/2018
<b>Praia Grande festeja a rainha do mar</b> 07/12/2018
<b>O G20 aquém dos compromissos esperados com a educação</b> 07/12/2018

### No Facebook

Em Paris, FHC diz que é oposição ao governo Bolsonaro - Carta Capital

Movimento Gay quer tirar Bíblia de circulação no Brasil, diz Damares - Carta Capital

Kim Kataguiri perde ação contra repórter que lhe chamou de fascista - Carta Capital

Social Monitor

### Mais lidas

Na Semana no Mês

**1. Substituta de Moro determina prisão de José Dirceu**

### Cupons de desconto

**Americanas**  
**Carrefour**  
**Casas Bahia**  
**Extra**  
**Fast Shop**  
**Netshoes**  
**Ponto Frio**  
**Submarino**  
**Walmart**

### Newsletter

Novidades da CartaCapital no seu email

nome   
e-mail